

AS OBRAS DE ALBA DE CÉSPEDES TRADUZIDAS NO BRASIL

THE WORKS OF ALBA DE CÉSPEDES TRANSLATED IN BRAZIL

Isadora de Araújo Pontes¹

Jaqueline Rodrigues de Moraes²

Márcia de Almeida³

RESUMO: Este artigo teve origem a partir de um projeto que visou ao estudo das traduções dos romances da escritora italiana Alba de Céspedes sob duas óticas principais: a investigação das hipóteses levantadas sobre sua motivação editorial e a análise das tramas e personagens das obras, com base nas considerações de Simone de Beauvoir sobre o feminino, expressas em *O segundo sexo*. Nosso objetivo foi tratar da questão da autoria e da representação feminina e as suas relações com a época em que a maioria de suas obras foram publicadas no Brasil: os anos 60 do século XX, momento em que os papéis femininos e masculinos começavam a ser revistos. Desse modo, selecionamos duas de suas obras traduzidas no Brasil como nosso foco, *Ninguém volta atrás*, publicada pela primeira vez em 1947 e depois em 1962, e *O Remorso: uma nova mulher*, publicada em 1968.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura italiana. Estudos de gênero. Autoria feminina.

ABSTRACT: This article derived from a project that aimed to analyze the translations of the Italian writer Alba de Céspedes' novels under two major views: The investigation of the theories that were raised about her editorial motivation and the analysis of her work's plot and characters, based on Simone de Beauvoir's thoughts about women, which are expressed in *The second sex*. Our goal was to approach the matter of authorship and female representation and their relation with the age in which most of her works were published in Brazil: The sixties, a period where female and male roles were beginning to be reviewed. Thereby, we have selected two pieces of Alba's work translated in Brazil as our study objects, *Ninguém volta atrás*, published for the first time in 1947 and then in 1962, and *O Remorso: uma nova mulher*, published in 1968.

KEYWORDS: Italian Literature. Gender Studies. Female authorship.

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² D Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

³ Pós-Doutora pela Università degli Studi di Roma La Sapienza. Doutora em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada III da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

1 INTRODUÇÃO

A autora italiana Alba de Céspedes nasceu em Roma, no dia 11 de março de 1911. Sua família tem origem cubana e italiana: seu avô foi o primeiro Presidente da República de Cuba e seu pai também alcançou altos postos em sua carreira política, chegando a ser Presidente de Cuba por alguns meses, em 1933, além de ter sido embaixador em várias capitais europeias e em Washington. Quando embaixador em Roma, Carlos Manuel de Céspedes y Quesada conheceu a italiana Laura Bertini Alessandrini e, de sua união, nasceu Alba de Céspedes.

As viagens pelo exterior marcam a escrita da autora, que obteve seu primeiro sucesso com o livro *Nessuno torna indietro*, censurado durante o regime fascista devido ao caráter independente das personagens femininas. Ele rendeu mais de quarenta edições italianas e mais de vinte traduções pelo mundo. Outras obras da autora como *Quaderno proibito* e *Dalla parte di lei* também obtiveram grande sucesso de crítica e de público, contando com traduções para o inglês, o alemão e o espanhol. As obras da autora, traduzidas no Brasil, foram *Nessuno torna indietro* (*Ninguém volta atrás*), *Quaderno proibito* (*Caderno proibido*) e *Il rimorso* (*O remorso: Uma nova mulher*). Neste trabalho trataremos das publicações de *Ninguém Volta atrás* e *O remorso: Uma nova mulher*.

O livro *Ninguém volta atrás* foi publicado pela primeira vez no Brasil pela editora IPÊ (Instituto Progresso Editorial), em 1947. Após uma pesquisa sobre essa editora, chegamos à conclusão de que o interesse dessa publicação estava diretamente ligado à nacionalidade da autora, pois os fundadores da IPÊ eram empresários de origem italiana e, em seus dois únicos anos de funcionamento, a editora manteve uma forte ligação com a Itália, atraindo, para seus quadros, profissionais italianos e publicando as obras de escritores de renome, como Luigi Pirandello.

Em 1962, essa obra foi novamente publicada no Brasil, então pela editora Civilização Brasileira e, em 1968, foi publicado *O Remorso: Uma nova mulher*, pela editora Brasiliense. É possível observar um redirecionamento quanto à intenção dessas publicações, que dessa vez estavam voltadas a um novo público no Brasil, o feminino, devido às mudanças no papel social da mulher, a partir da década de 60.

Foi justamente nessa década que o feminismo se consolidou como movimento político e, nesse período, o Brasil, apesar da ditadura militar pela qual passava, também foi palco de notórias mudanças. As mulheres foram, cada vez com maior intensidade, deixando o ambiente privado, do lar, associado ao feminino, e conquistando seu lugar tanto na economia, como na política. Ainda que de uma maneira diferenciada, as mulheres tiveram uma importante participação nesse período, fosse agindo a favor ou contra o golpe militar, ocorrido no país em 1964. Como exemplo, temos os anos de 1966 e 1968, quando houve uma grande insurgência das mulheres nos grupos de contestação à ordem, principalmente através do movimento estudantil. Contudo, podemos imaginar as dificuldades pelas quais passaram essas mulheres ao começarem a questionar o papel que exerciam, a lutar para ter seu espaço, a conquistar o mercado de trabalho e a igualdade de direitos.

2 NINGUÉM VOLTA ATRÁS

O livro *Ninguém volta atrás* permite que vejamos algumas dessas situações enfrentadas pelas mulheres na tentativa de se tornarem independentes e de viverem suas vidas da forma como lhes agradava.

Pode-se notar, na dobra de apresentação do livro, na edição de 1962, uma nova posição com relação ao público: “Livro de leitura viva e cativante, e de grande sucesso em todo o mundo, que entregamos com prazer às leitoras brasileiras”. Sendo assim, o livro parece dedicado quase que exclusivamente às mulheres, um novo público leitor para uma obra que retrata a vida de diferentes mulheres com problemas comuns à sua época.

É possível observar que, nessa obra, houve uma tentativa por parte da autora de englobar, através da história das personagens, Emanuella, Xênia, Augusta, Milly, Vinca, Silvia, Ana e Valentina, que acabam tornando-se amigas após morarem juntas em um colégio de freiras, situações reais enfrentadas pelas mulheres, causando assim uma grande identificação por parte das leitoras, como afirma Lorenzo Gigli na apresentação do livro da editora italiana: “(...) Encontramos, enfim,

num microcosmo, num mundo mais vasto e dramático, em algumas mulheres, as esperanças e as dores, as derrotas, as experiências de todas as mulheres”.

Através da personagem principal, Emanuella, temos o exemplo de uma mulher de família abastada que se envolve com um rapaz antes de se casar. Antes que os dois pudessem se unir matrimonialmente, um acidente aéreo provoca a morte de seu então noivo, deixando-a sozinha e grávida. Como solução para o fato, seu pai a manda para fora do país para que ninguém descubra a gravidez e, logo depois do nascimento, mantém a menina Estefânia em um colégio interno em Roma, enquanto Emanuella volta para a casa de seus pais. Simone de Beauvoir, no segundo volume de seu livro *O Segundo sexo*, fala sobre a figura da “mãe”, e das consequências negativas que atingem a mulher quando ela é, de alguma maneira, impedida de exercer esse papel:

Todo o universo moral dela é abalado. Com efeito, repetem à mulher desde a infância que ela é feita para engendrar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição – regras, doenças etc. – o tédio das tarefas caseiras, tudo é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo. [...] O filho não é mais um tesouro imensurável: engendrar não é mais uma função sagrada: essa proliferação torna-se contingente, inoportuna, é mais uma das taras da feminilidade (BEAUVOIR, 1990, p.256).

Isso faz com que a mulher perceba seu sexo como um castigo, uma maldição. Após passar anos atormentada pela ausência da filha, impedida de exercer seu papel de mãe, Emanuella resolve mudar-se para Roma e estabelecer-se em um colégio de freiras que abrigava jovens universitárias, sob a desculpa de uma longa viagem de seus pais. Nesse lugar, ela conhece as demais personagens, cada qual com suas razões para estar ali e cada qual enfrentando problemas relacionados ao desejo, ou não, de estar onde estavam.

Toda a sua aflição tem seu auge no reencontro com a filha, que não é como o esperado. Tanto tempo longe da mãe fez com que a criança desenvolvesse uma relação pouco afetuosa para com Emanuella, sendo voltada muito mais aos seus interesses. Durante todo o romance, a personagem tenta aprender a lidar com essa

nova condição e, ao mesmo tempo, quer esconder essa situação das amigas por medo de ser rejeitada.

Emanuella é torturada pelo surgimento da possibilidade de um novo romance que é a todo tempo ameaçado pelo segredo que esconde. Ela só encontra paz depois que seu pai morre e a verdade é revelada para seu pretendente, embora esse a rejeite e afirme que o casamento dos dois não será possível. Com o fim do relacionamento e com a morte de seu pai, ela resolve tomar de vez as rédeas de sua vida fazendo uma longa viagem ao lado de sua filha.

Ao perceber que o papel tradicional de esposa já não lhe cabia e sentir a ausência do pai, que lhe ditava como deveria agir, a personagem decide, finalmente, agir segundo sua própria consciência. Esse tipo de atitude era extremamente difícil para as mulheres da época, pois sempre foram tratadas como dependentes e incapazes, como nos diz Simone de Beauvoir:

A própria mulher reconhece que o universo em seu conjunto é masculino; os homens modelaram-no, dirigiram-no e até hoje o dominam; ela não se considera responsável; está entendido que é inferior, dependente; não aprendeu as lições da violência; nunca emergiu como um sujeito em face dos outros membros da coletividade; fechada em sua carne, em sua casa, aprende-se como passiva em face desses deuses de figura humana que definem fins e valores. (BEAUVOIR, 1990, p. 364).

Além dessa questão, através de Emanuella, a autora trata de assuntos como a virgindade da mulher que, até então, servia como representação de honra. A mulher que não era mais virgem sofria grande preconceito por parte da família e de toda a sociedade, mas a personagem consegue reerguer-se após o desaparecimento da figura patriarcal em sua vida.

A personagem Xênia, outra estudante que mora no colégio, demonstra sempre uma inquietude de estar presa àquele lugar, e logo surgem novos problemas relacionados ao exame de conclusão do curso que frequenta. Uma reprovação é o ponto de partida para que ela comece uma nova vida partindo do zero, passando por grandes dificuldades e grandes aventuras, ora trabalhando para seu próprio sustento, ora sendo sustentada por homens que surgem em seu caminho, fazendo

com que a personagem viva um misto de sentimentos, da vergonha ao orgulho, da angústia à felicidade, às vezes sentindo-se culpada por finalmente conseguir a vida confortável que queria, não satisfeita, porém, com os meios pelos quais a consegue.

Essa personagem traz uma reflexão sobre o estilo de vida adotado por essa mulher, vivendo às custas de homens, sem qualquer compromisso, atitude condenável pela sociedade na época. Devido à sua postura independente, Xênia tem a trajetória mais conturbada da trama de Alba de Céspedes. Sobre suas dificuldades, nos afirma Beauvoir:

Uma mulher que despende suas energias, que tem responsabilidades, que conhece a dureza da luta contra as resistências do mundo, tem necessidade – como o homem - não apenas de satisfazer seus desejos físicos como ainda de conhecer o relaxamento, a diversão, que oferecem aventuras sexuais felizes. [...] arrisca-se, usando-a [a liberdade], a comprometer sua reputação, sua carreira; no mínimo, exigem dela uma hipocrisia que lhe pesa. (BEAUVOIR, 1990, p. 456).

A personagem Milly, uma moça sensível e delicada, amante de música, sofre de um problema no coração. Por isso, vive, quase todo o tempo, enclausurada em seu quarto, vizinho ao de Emanuella, o que lhes permite uma maior proximidade. Milly foi mandada para o colégio pelo pai após ter se apaixonado por um homem muito mais velho e cego, que tocava órgão em uma igreja que ela frequentava. Milly ocupa seus dias com os estudos de música e escreve cartas em Braille para seu amado de Milão, sempre aguardando ansiosamente sua resposta.

Essa personagem é o retrato da moça frágil, criada, sem a mãe, por um pai que a sufoca, tentando poupá-la de todas as maneiras, poupando-a até mesmo da própria vida. Milly morre no colégio, sem nunca mais ver o homem que ama. O que marca essa personagem é o impedimento, seja pelo seu pai, ou pela própria doença que a aflige, sendo privada de amar e mesmo de viver.

Vinca é uma espanhola cheia de vida, mas vive como uma estrangeira entre as amigas, sempre saudosa de sua terra. O único vínculo que ela possui com a Espanha é Luís, um jovem estudante, com quem mantém uma relação indefinida. A crise da personagem se dá quando é declarada a guerra civil de seu país.

Impedida de voltar para casa, e vendo Luís partir para a Espanha para lutar, Vinca não consegue mais ficar no colégio e passa a morar com duas mulheres espanholas, mãe e filha. A guerra na Espanha as une, pois, assim como Luís, o filho da mulher e o noivo da moça partem da Itália em missão. Durante um longo período, Vinca e as duas mulheres esperam por notícias dos três. Luís nunca escreve a Vinca e, a cada dia que passa, ela parece mais obsessiva e debilitada.

Com o fim da guerra, Vinca descobre que Luís se casará com outra moça na Espanha, o que a deixa cada vez mais frustrada. Mais tarde, Vinca começa a trabalhar dando aulas de espanhol, morando sozinha em meio às coisas que Luís deixou antes de partir. Essa personagem retrata a difícil integração do estrangeiro, sentindo-se sempre à parte dentro de uma cultura que não é a sua. Retrata também a questão da traição e da decepção amorosa que são fatores determinantes para muitas mudanças em sua vida.

Silvia é uma moça inteligente, porém, não é bela e é considerada pouco feminina. Percebendo ser, desde criança, diferente de suas irmãs e das meninas de sua idade, não tendo jeito para o casamento e afazeres de casa, dedica-se exclusivamente aos estudos, sendo uma brilhante aluna e obtendo uma carreira de sucesso. Nesse caso, a autora apresenta a mulher dedicada à sua profissão, porém, é bem evidente que Silvia busca o caminho profissional como uma alternativa, já que não se considera capaz de ser uma boa esposa e dona de casa.

A falta de feminilidade da personagem faz com que ela se sinta inferior diante de algumas de suas colegas como, por exemplo, diante de Emanuella, que se veste de maneira elegante e atrai sempre os olhares dos rapazes. Silvia anseia por independência, um caminho muito difícil para as mulheres daquele tempo, como afirma Beauvoir:

A mulher independente - e principalmente a intelectual que pensa sua situação - sofrerá, enquanto fêmea, de um complexo de inferioridade; não tem os lares para consagrar à sua beleza tão atentos cuidados quanto a coquete, cuja única preocupação é seduzir; por mais que siga os conselhos de especialistas, nunca passará de um amador no terreno da elegância [...]. (BEAUVOIR, 1990, p. 454).

Augusta é uma mulher mais velha que também vive no colégio. Passa seus dias estudando e escrevendo. Deseja publicar um livro, mas até então não obteve sucesso com as editoras. Um de seus romances aborda a questão feminina de forma bastante radical, o que é, de certa forma, uma contradição, pois, ao descobrir o segredo de Emanuella, é a primeira a acusá-la. É uma mulher frustrada e amarga. Como uma mulher de mais idade, que não obteve sucesso nem amoroso e nem profissional, Augusta demonstra, ao contrário do que escreve em seus livros, ser uma mulher taxativa, que compactua com as prescrições da sociedade patriarcal na qual vivia.

Ana é uma moça do campo, de família de classe ascendente. Saiu de casa para estudar por um desejo de seus pais, pois sempre demonstrou interesse em continuar morando onde nasceu e cuidar da terra e das propriedades de sua família. No decorrer do romance, em uma visita de férias à casa de seus pais, eles afirmam o desejo de deixar sua propriedade rural e ir morar na cidade em busca de novos negócios, o que deixa Ana muito decepcionada. Nessa mesma visita, surge um rapaz, herdeiro de terras vizinhas às suas, que compartilha com Ana o interesse pela vida no campo. Logo os dois se apaixonam e decidem se casar, assim que Ana estiver formada, e viver ali no campo cuidando do patrimônio de ambos.

É interessante perceber que o destino dessa personagem é o mais natural para a mulher da época: Ana acaba se casando, mas, ao contrário do que seria natural naquele contexto, uma migração do campo para a cidade, ela deseja fazer o caminho contrário, permanecendo ali e cuidando de suas terras como sua avó. Sobre isso, Beauvoir diz:

Há primeiramente, bem entendido, numerosas mulheres que aceitam a própria sociedade tal qual é; são os *chantres* por excelência da burguesia, porquanto representam, nessa classe ameaçada, o elemento mais conservador com adjetivos escolhidos, evocam os requintes de uma civilização dita da “qualidade”; exaltam o ideal burguês da felicidade e fantasiam com as cores da poesia os interesses de sua classe; orquestram a mistificação destinada a persuadir as mulheres a “ficarem mulheres”: casas velhas, parques e hortas, avós pitorescas, crianças espertas, lixívia, geléias, festas familiares [...]. (BEAUVOIR, 1990, p. 477)

A personagem Valentina também é uma moça do campo, da mesma cidade de Ana, porém, ao contrário da amiga, vem de uma família muito simples. Desde a morte de seu pai, ela e a mãe sofrem com os desmandos de seus tios. Durante a trama, é possível identificar que Valentina nutre certa inveja de Ana, sobretudo porque ela nunca se preocupou em casar-se e encontrou um marido com boa condição financeira, enquanto Valentina tinha esperanças de encontrar em um bom casamento a solução para seus problemas e os de sua mãe. A notícia do casamento de Ana provoca em sua amiga uma sensação desoladora, fazendo com que ela fique cada vez mais amarga e siga os passos de Augusta, permanecendo cada dia mais próxima dela.

Valentina desejava o destino natural das mulheres na época, o casamento, porém, não obteve sucesso. A pobreza também foi um fator determinante em sua vida, causando-lhe uma sensação de inferioridade e insatisfação.

As personagens do livro de Alba de Céspedes retratam a pluralidade dessa nova mulher que se apresenta: a mãe solteira em busca de uma vida tranquila; a tentativa de uma moça simples de sair de sua cidade natal e não levar uma vida medíocre; a mulher frágil, incapaz de se impor diante de um pai opressor; o sentimento de não pertencimento a um determinado lugar e a paixão cega; a moça inteligente sem nenhum dom para dona de casa e esposa dedicada, vindo a conquistar uma boa carreira profissional; a solteirona em busca de uma identificação e algum reconhecimento; a mulher que se atém a suas raízes, que aprecia a simplicidade sem grandes ambições; e a mulher que, pela rigidez da vida, acaba tornando-se também rígida e amarga.

A certa altura do romance, a personagem Silvia diz:

É como se estivéssemos atravessando uma ponte. Constroem-se, por ventura, casas em cima da ponte? Já saímos de uma das margens e não alcançamos ainda a outra. Aquilo que deixamos está atrás das nossas costas, nem sequer nos voltamos para olhar, e o que nos espera é uma margem, para além da névoa. (CÉSPEDES, 1962, p. 96)

São as várias faces da mulher de seu tempo, mulheres que sonham e vivem em busca de um futuro que lhes atrai, preocupadas com sua formação identitária acima das vontades alheias, tentando impor-se dentro dessa nova sociedade.

3 O REMORSO: UMA NOVA MULHER

A obra *O remorso* foi publicada no Brasil com a adição do subtítulo “Uma nova mulher”. O livro persevera nessa questão, que perpassa as obras de Alba de Céspedes: a mulher na sociedade do século XX. O seu assunto principal é o drama vivido por uma mulher, Francesca, por volta dos quarenta anos, que não se encaixa nos padrões estabelecidos ao seu sexo, no início dos anos 60. Francesca é casada com Guglielmo, dono de um jornal e, em um passeio a Isola Rossa, conhece Matteo, com quem começa um romance.

Apesar de ter sido traduzido para o português como *remorso*, a palavra italiana *rimorso* pode significar também *remoer*, ou seja, o título traz a ideia não apenas de um remorso, uma lamentação, um sentimento associado ao arrependimento cristão, mas ao mesmo tempo faz menção ao ato de remoer algo, de pensar obsessivamente naquilo. Esse título ambíguo pode ser associado à natureza dual imposta às mulheres, que encontra suas fontes nos ensinamentos bíblicos, nos quais a mulher é ou Eva, aquela que cometeu o primeiro pecado e condenou toda a humanidade, ou Maria, a eterna virgem e mãe. Como Eva, a mulher traz em si a essência do pecado original, de um ser ardiloso e trapaceiro, de modo que o remorso não pode ser dissociado de sua existência para que jamais se esqueça de sua propensão maior ao pecado e busque a pureza da Virgem Maria. A história do romance também se faz entre dois pilares distintos, posto que não se trata apenas da escolha de Francesca entre manter seu casamento ou partir com seu amante, tão pouco do relato de uma esposa arrependida. O que é evidenciado pela obra é o quanto o desejo de ser livre, numa mulher, é visto como errado e até mesmo perigoso.

O subtítulo, adicionado pela editora Brasiliense, traz para a capa a ideia contida na orelha do livro, sobre a sua importância para a *nova etapa* que se vivia: a emancipação da mulher brasileira. Apesar do texto da orelha falar sobre a “nova

mulher”, capaz de tomar sozinha suas decisões, mantém-se, na publicação, a posição de que a mulher é um ser passional, movido pelo amor, demonstrando que, ainda que se mencione a emancipação feminina, persiste a ideia de que a mulher é um ser mais sentimental, uma das principais características associadas à feminilidade.

Quanto à forma, temos um romance composto por cartas e pelo diário de uma das personagens, Gerardo Viani – um homem que, por causa de sua falta de crenças religiosas e poucas ambições financeiras, também se encontra distante do padrão imposto pela sociedade. Devido à estrutura escolhida pela autora, podemos observar uma necessidade da exposição do íntimo das personagens. De fato, a partir do século XVIII, os diários e as correspondências se tornam progressivamente os principais meios de exposição da intimidade, daquilo que não poderia vir a público, para não ir de encontro à moral, mas que o ser humano não consegue abandonar e tem a necessidade de expressar, desabafar e exibir, tal como fazem as personagens do romance. Dessa forma, a valorização do íntimo, presente na obra, permitiu a abordagem de temas velados pela sociedade patriarcal, ao passo que revelava a hipocrisia dessa sociedade – como no caso de Isabella e Guglielmo.

Francesca, a protagonista, não é uma dona de casa, religiosa e reprimida, que anula os seus desejos, mas uma mulher que busca a libertação e a igualdade, não aceitando ser apenas a esposa do dono de um grande jornal. Em várias cartas, fica claro que não é cristã ou possui fé em Deus. Contudo, diferentemente de sua amiga e de seu marido – ambos religiosos –, durante toda a obra, a sua busca consiste em não trair a si mesma e aos seus princípios.

Ela é uma mulher inteligente que tem por “remorso” essa procura independente pela felicidade, pela liberdade de sentir e ser. Porém, não como se espera das mulheres, que têm certa permissão da sociedade para serem extremamente sentimentais, mas sim como um ser humano que necessita fazer a melhor escolha, e uma escolha que diga respeito apenas a si mesmo. Apesar de sua personalidade e coragem para contestar aquele que seria o destino natural de todas as mulheres, Francesca se encontra muitas vezes dividida, pois crescera em uma sociedade que a impulsionava para o contrário do que desejava e, por isso, em

vários momentos hesita “entre o desejo de se afirmar e o de se apagar, fica dividida, estraçalhada” (BEAUVOIR, 1990, p. 464).

Seus questionamentos afastam-na até mesmo da necessidade de ser compreendida e perdoada, como podemos ver no trecho de uma das cartas que dirigiu a Isabella:

A mulher que obedece impulsiva e cegamente ao amor desperta simpatia ou mesmo piedade, como uma vítima de terrível moléstia, mas aquela que age lucidamente não gozará da tolerância do próximo. Não atribuo meus atos ao destino, portanto não serei perdoada e tu serás a primeira a me acusar. (CÉSPEDES, 1968, p. 235)

Francesca pretende ser lúcida e recusa as sugestões de Isabella para que permaneça inerte. Seus problemas e dúvidas vão além de seus sentimentos por Matteo, seu amante, eles são fruto de seu lugar no casamento, de sua percepção de que a estima que têm por ela é muitas vezes devida à posição de seu marido. É aí que está toda a sua aflição, como explica Simone de Beauvoir, n'O *Segundo Sexo*:

Se as dificuldades são mais evidentes na mulher independente é porque ela não escolheu a resignação e sim a luta. Todos os problemas vivos encontram na morte uma solução silenciosa; uma mulher que se empenha em viver é portanto mais dividida do que a que enterra sua vontade e seus desejos; mas não aceitará que lhe ofereçam esta solução como exemplo. É somente comparando-se ao homem que se estimará em estado de inferioridade. (BEAUVOIR, 1990, p. 456)

Sua amiga Isabella aparece na obra, inicialmente, como o destinatário das cartas de Francesca, que falam de seu amor extraconjugal e de suas incertezas e temores, um destinatário aparentemente centrado e defensor da moral, cuja verdadeira natureza é dada ao conhecimento do leitor apenas através do desenrolar da história. Isabella é uma espécie de contraponto da personagem principal, porém, as razões não se restringem ao fato dela ser uma dona de casa e mãe exemplar aos olhares alheios. Ela representa a hipocrisia da sociedade, assim como Guglielmo, o marido de Francesca. É uma mulher que defende a moral e dissimula, como se

pecado fosse apenas o que se torna público, enquanto Francesca é verdadeira e por isso aparece em constante conflito. Contudo, Isabella não é capaz de reprimir os seus desejos completamente, envolvendo-se às escondidas com Guglielmo. Desse modo, a sua morte, no final do livro, pode ser vista como o resultado do colapso entre o desejo de liberdade, demonstrado pela espécie de inveja que sente de Francesca, e os valores cristãos de sua criação.

Nos anos de 1960, tal como nos mostra o romance, mulheres como Francesca ainda eram o oposto daquilo que a sociedade esperava para o sexo feminino, não só na Europa, como em nosso continente. No entanto, o ensejo para a publicação de uma obra com essa temática no Brasil é um reflexo das mudanças em relação aos conceitos patriarcais dominantes que já se anunciavam no país, ainda mais se considerando que a publicação de sua edição brasileira ocorreu em 1968, ano marcado pela luta por transformações políticas, culturais e comportamentais, inclusive em relação ao sexo e à sexualidade.

Foi nesse contexto de lutas contra os diversos tipos de opressão que a obra de Alba de Céspedes ressurgiu em solo nacional, com um subtítulo que evoca uma libertação, mesmo que a passos lentos, daquilo que é velho. Uma obra que traz a revisão dos conceitos conservadores, na qual há a presença de uma personagem feminina capaz de pensar por si mesma e que tem por objetivo a busca da própria felicidade, não a do marido e dos filhos, como por séculos foi esperado das mulheres. Dessa maneira, o palco para tal livro, que traz a questão do feminino, na sociedade desses anos, de modo revolucionário, mas nunca panfletário, estava montado, posto que a regra da mulher passiva e submissa já começava a ser contestada, e as mulheres precisavam de exemplos femininos que colocassem a si mesmas como seres capazes e merecedores da igualdade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse estudo, buscamos analisar a questão da representação feminina nas obras de Alba de Céspedes, investigando possíveis razões para suas publicações no Brasil. Com base nas pesquisas realizadas, observamos que a questão da condição feminina na época motivou a republicação do livro *Ninguém*

volta atrás, em 1962, e provocou o interesse na publicação de *O remorso*, em 1968, tanto pela questão da identificação do novo papel assumido pela mulher dentro da sociedade, quanto pela intenção expressa na apresentação do livro, sendo esse evidentemente voltado para o público feminino. Dessa maneira, a possibilidade de sucesso de vendas dessas obras seria praticamente certo, dentro do contexto histórico vivido pelas brasileiras naquele momento.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1990.

CÉSPEDES, Alba de. *Ninguém volta atrás*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1947.

_____. *Ninguém volta atrás*. Trad. Augusto de Souza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

_____. *Caderno proibido*. Trad. Carla Inama de Queiroz. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

_____. *O remorso: Uma nova mulher*. Trad. Mary Rachou Corrêa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

_____. *Romanzi*. A cura di Marina Zancan. Milano: Mondadori, 2011.